

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS DO GÊNERO *ERYTHRINA* USADAS EM RITUAIS DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo**

Introdução

O objetivo do presente trabalho é o estudo de espécies do gênero *Erythrina* – *Leguminosae Papilionoideae*, conhecidas por mulungu, usadas nas curas e nos rituais religiosos afro-brasileiros.

Visa, ainda, analisar a correlação existente entre os princípios ativos, atividades biológicas e usos na medicina popular e nos ambientes religiosos afro-brasileiros.

As espécies selecionadas para o trabalho foram:

Erythrina verna Velloso (*E. mulungu* Mar.);

E. corallodendron Linné;

E. speciosa Andrews.

Erythrina spp – Gênero pantropical e subtropical, com espécies bastante numerosas em ambos os hemisférios; no Brasil, melhor representado no Sudeste e, depois, na Amazônia. Árvores de variadas dimensões, com madeira mole e flores grandes, vistosas, vermelhas ou mais raramente alaranjadas, só em *E. amazonica* Krukoff, róseas¹.

Gabriel Soares de Souza² já registrara no século XVI *comedoi* (tupi), que quer dizer: *cuman+oi*= o feijão que, por si mesmo se solta, ao tratar da *Erythrina verna* Velloso (*E. mulungu* Mart.).

* Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos em Viña del Mar, Chile, 1995.

** Pesquisadora do Centro de Estudos da Religião "Duglas Teixeira Monteiro", sediado no Depto. de Sociologia da FFLCH/USP.

1. DUCKE, A. *Estudos botânicos do Ceará*. Mossoró, (Rio Grande do Norte), Escola Superior de Agricultura, (Edição fac-similar da Separata dos Anais da Academia Brasileira de Ciências, n. 311, v. 2, p. 211-308, jun. 1959).

2. SOUZA, Gabriel S. *Notícia do Brasil (séc. XVI)*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1974.

Mulungu corresponde a mulungo, segundo os comentários e notas de Pirajá da Silva sobre a obra quinhentista mencionada.

No século XVIII já se fazia referência ao mulungu, também chamado argueiro, usado como emoliente e resolutivo³.

O *Dicionário Português-Umbundo*⁴ apresenta o verbete mulungu: o mesmo que mulungo e equiparado ao *muave* planta que se emprega em provas judiciais como prova de veneno, ombulungo. *Muave*, planta venenosa conhecida por pau-dos feiticeiros, *üfila-nganga*.

Umbundo é língua falada no centro de Angola.

Muava ou *mwi*, no leste africano e *muava* ou *muave* em Moçambique, correspondem à espécie *Erythrophleum guineense* G. Don., empregada em provas judiciais em Tanganica. É dado ao acusado para tomar uma bebida à base dessa planta; porém, se ele vomitar será considerado inocente, se morrer a família terá de pagar uma multa pelo crime praticado⁵.

Considera-se, ainda, que na África existem espécies de *Erythrina* tais como: *E. abyssinica* (DC.) Lam., *E. caffra* Thumb. *E. tomentosa* (A. Rich.) R. Br., conhecidas por *murungu* pelo povo Shabala e pelo povo Manika e *mungu* pelo povo Sucuma⁶.

Segundo o *Dictionary of modern yoruba*⁷, há referência à *Erythrina senegalensis* Chevalier, *Ologún sesè*, nome dado a uma árvore dedicada ao deus da caça⁸.

Cascudo⁹, citando Ferreira¹⁰, diz que "o termo mulungu é empregado para designar o Ser Supremo em 25 linguas e dialetos do leste africano, desde o Baixo Zambeze até o lago Vitória e da costa até o rio Luangua. Esse Ser Supremo vulgarmente tido como Criador, é associado ao trovão, ao relâmpago e à chuva". Arthur Ramos¹¹ também faz referência ao deus supremo Mulungu dos povos bantu orientais Uanyka, Akamba e Suaheli.

Um estudo sobre a medicina indígena americana, mostra que as plantas do gênero *Erythrina* eram usadas por índios da América do Sul e da América Central com propósitos tóxicos e medicinais.

3. SAMPAIO, Francisco A. História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencente à medicina. (sec. XVIII) In: *Anais da Biblioteca Nacional*, Div. Publicações e Divulgação. Rio de Janeiro.
4. GUENNEC, Gregoire; VALENTE, José Francisco. *Dicionário Português-Umbundo*. Instituto de Investigação Científica de Angola, 1972.
5. WATT, J. M; BREYER-BRANDWIJT, M. G. *The medicinal and poisons plants of Southern and eastern Africa*. 2. ed. Livingstone, 1962.
6. *Idem*, *ibidem*.
7. ABRAHAM, R. C. *Dictionary of modern yoruba*. London, Hodder & Stoughton, 1962.
8. FONSECA JUNIOR, Eduardo. *Dicionário Yoruba (nagô) Português*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
9. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1980.
10. FERREIRA, A. Rita. *Bibliografia etnológica de Moçambique*. Lisboa, 1962.
11. RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1961. v. 1. (Estudos Brasileiros).

É sabido que muitas plantas conhecidas dos negros na África, foram no Brasil reconhecidas por eles, passando a usá-las. Entre elas, certamente estavam as várias espécies de *rythrina*, principalmente a *E. verna* à qual foi dado pelos negros o nome vulgar de mulungu.

Os dados sobre as espécies de *Erythrina* apresentadas neste trabalho foram obtidos através de pesquisa de campo e bibliográfica.

A pesquisa de campo compreendeu entrevistas com pai-de-santo de candomblé de tradição queto e com informantes conhecedores do assunto ora em estudo, fora de seus ambientes de trabalhos religiosos. As plantas indicadas pelos informantes foram coletadas e conservadas em herbário de referência, após identificação no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

O trabalho apresenta a relação das plantas selecionadas para o estudo, com indicação dos nomes científicos e vulgares em língua nacional e estrangeira, composição química, atividades biológicas, usos nas práticas médicas populares e nos rituais afro-brasileiros.

Os nomes em língua estrangeira foram obtidos nas obras consultadas.

As informações apresentadas neste trabalho visam constituir subsídios para uma melhor compreensão e interpretação dos papéis desempenhados pelas plantas nos rituais de cura e rituais religiosos das religiões afro-brasileiras.

Material e método

Os critérios metodológicos foram orientados pela pesquisa de campo em candomblé queto da cidade de São Paulo e pela pesquisa bibliográfica.

Dentre as espécies do gênero *Erythrina*, foram selecionadas as seguintes:

- E. verna* Velloso;
- E. corallodendron* Linné;
- E. speciosa* Andrews.

Tal seleção decorreu do fato de serem essas as espécies mais conhecidas por mulungu, segundo a pesquisa.

As espécies botânicas são apresentadas com seus nomes científicos, família, distribuição, parte usada, nomes vulgares em língua nacional e estrangeira, composição química, atividades biológicas, usos nas práticas médicas populares e nos rituais afro-brasileiros.

A pesquisa de campo compreendeu entrevistas no candomblé de tradição queto Ile Axe Ewe Fun Mi, na cidade de São Paulo.

A pesquisa bibliográfica obedeceu ao seguinte critério metodológico:

1. Leitura de obras relacionadas à Botânica, Etnobotânica, áreas de Ciências Farmacêuticas e Ciências Sociais.
2. Leituras de obras acadêmicas sobre as plantas selecionadas para o estudo das práticas médicas populares de cura e dos rituais religiosos de influência e origem africana no Brasil.
3. Outras leituras que serviram de suporte para discussões quanto a análise e interpretação dos dados levantados.

Resultados

Abaixo as plantas selecionadas para o trabalho, segundo Krukoff¹².

Erythrina verna Velloso;

E. mulungu Martius;

Corallodendron mulungu (Martius) Kuntze;

Erythrina flammea Herzog.

Distribuição: Centro e Sul do Brasil e leste da Bolívia

Descrição: árvore pequena de casca espessa (5-6 cm), formada por cortiça, flexível, amarela. Ornamental com flores vivamente rubras¹³.

Erythrina corallodendron Linné;

E. spinosa Miller;

E. inermis Miller;

E. corallifera Solisbury;

Corallodendron occidentale Kuntze;

Distribuição: Jamaica e Haiti;

Descrição: arbusto ou árvore com flores vermelhas¹⁴.

Erythrina speciosa Andrews;

E. poianthes, Brotero;

(?) *E. graefferi* Tineo;

E. poianthes var. *subnermis* Lindley;

E. reticulata Presl.

12. KRUKOFF, B.A.; BARNEBY, R. C. *Erythrina*. In: *Lloydia*. New York, v.37, n. 3, set. 1974.

13. RIZZINI, Carlos Toledo; MORS, Walter B. *Botânica econômica brasileira*. São Paulo, EPU/Edusp, 1976. p. 151.

14. HOEHNE, F. C. *Botânica - Parte VIII - Leguminosas*. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1919. p. 87.

Micropteryx reticulata (Presl.) Walpers;

Stenotropis bertoroi Hasskarl;

Corallodendron reticulatum (Presl.) Kuntze;

Distribuição: da Bahia a Santa Catarina.

Descrição: árvore ornamental de pequeno porte, aculeada, de flores rubro-sangüíneas¹⁵.

Nomes vulgares

Bico-de-papagaio, comedoi (tupi), molongo-branco, muchocho, mulungu, murungu, pau-coral, pau-imortal, sananduva, suinã, suiná, sapatinho-de-judeu.

África: ológùn sesè (iorubá), muave (umbundo);

Colombia: chocho, coral;

Conchichina: cay-boung;

Costa Rica: popró blanco;

Cuba: bucare, piñon de costa, piñon espinhoso, eféke, yerin (lucumi), fosóngako (congo);

EUA: coral tree;

Inglaterra: coral bean tree;

Martinica: imortalle;

México: arbol madre;

Taiti: atae;

Venezuela: parichigue, peonia.

Composição química

As *Erythrina* spp relacionam-se com as plantas do gênero *Chondondendron* e *Strycnos*, com alcalóides de ação curarizante¹⁶. Os alcalóides presentes nas *Erythrina* spp, eritrina e eritroidina, este constituído de dois alcalóides isômeros, alfa e beta-eritroidina, ambos dextrógeros¹⁷. Estão, ainda, presentes eritrocoraloidina e migurrina (glucósido análogo à saponina)¹⁸ e Da Matta faz referência à rotenona, substância cristalina com ação inseticida¹⁹. Segundo Raffaut²⁰, estão presentes os

15. RIZZINI, Carlos Toledo; MORS, Walter. *Op. cit.* p. 173.

16. ZANINI, Antonio Carlos; OGA, Seize. *Farmacologia aplicada*. São Paulo, Edusp, 1979.

17. GOODMAN, L.S.; GILMAN, A. *As bases farmacológicas da terapêutica*. t. 1. Rio de Janeiro, Guanabara, 1958.

18. COIMBRA, R.; DINIZ, E. *Notas de fitoterapia*. Rio de Janeiro, Laboratório Silva Araújo, 1942.

19. DA MATTA, A. A. *Flora médica brasiliense*. Manaus, Imprensa Oficial, 1913.

20. RAFFAUT, Robert F. *A handbook of alkaloids - Alkaloids containing plants*. 1970.

alcalóides: "erysodine, dihidroerysodine, glaco-erysodine, tetrahydro-erysodine, reysonine, erysothiopine, erysothiovine, erysovine, erythraline, erytramine, erythratiodine, erythratine, dihidro-erythratine, erytrina base, alfa-erythroidine, beta-erythroidine, hypaphorine, hypoguavine". Os alcalóides eritratidina, erisodina e erisovina foram isolados da *E. flacata*²¹. Da espécie *E. dominguezii* foram isolados: erisodina, erisopina e erisovina²². Da *E. crista galli*, os alcalóides: erisolina, erisopina e erisovina²³. Das sementes da *E. falcata* foram isolados: erisopina, erisodina, erisonina e eritrotidina²⁴. Há, ainda, o alcalóide erysoccine de ação semelhante ao curare, isolado de diversas espécies de *Erythrina*²⁵.

Atividades biológicas

São apresentadas aquelas indicadas nas obras consultadas e as obtidas em pesquisa de campo.

As sementes das plantas do gênero *Erythrina* contêm alcalóides de ação curarizante. As propriedades farmacológicas do beta-eritroidina e de seu derivado diidro são muito semelhantes da d.tubocurarina, alcalóide isolado do gênero *Chondodendron*. O compostos diferem do curare em três aspectos: ação paralítica menos potente sobre as junções neuromusculares, duração mais breve da paralisia e eficácia oral. Ao contrário do curare, causa depressão do SNC em doses clínicas²⁶.

O alcalóide eritrina é usado como antídoto da estricnina²⁷ e a ingestão da casca pode causar morte²⁸.

A eritrocoraloidina presente nas cascas das hastes e folhas são de ação hipnótica, bêquica e peitoral, não ocasionando forte hiperemia para o cérebro²⁹.

A casca tem ação purgativa, diurética e calmante nas excitações nervosas, e a folha de uso tópico, de ação antidontálgica, para curar úlceras e hemorroida³⁰.

21. DEVLOFEN, V. La eritratidina, un nuevo alcaloide de *Erythrina falcata*. In: *Anuario Asociación Química Argentina*, 41,43, 1953; GENTILE, R. A.; SABIOLA, R. A. Estudios sobre plantas argentinas IV - Alcaloides de las especies de *Erythrina*. In: *Anuario Asociación Química Argentina*, n. 30, p. 263, 1942.
22. Gentile, R. A.; Sabiola, R. A. *Op. cit.*
23. *Idem*, *ibidem*.
24. Ramos, Arthur. *Op. cit.*
25. FOLKERS, Koniuszy. Erysoccine: alcaloide con acción similar ao curare, aislados de diversas spp de *Erythrina*. In: *J. Am. Chem. Soc.* n. 62, p. 1677, 1940.
26. GOODMAN, L.S.; GILMAN, A. *Op. cit.*
27. *Gould's Medical Dictionary*. 5. ed., Philadelphia/Toronto, Maple Press, 1947.
28. LEWIS, W.H.; ELVIN-LEWIS, M. P. F. *Medical botany*. E.U.A., John Wiley, 1977.
29. DA MATTA, A. A. *Op. cit.*
30. CORREA, M. P. *Dicionário das plantas úteis e das espécies cultivadas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1931. 5v.; CROVETTO, R. N. Martínez. Estudios etnobotánicos I. Nombres de plantas y su utilidad segun los indios Tobas del Este del Chaco. In: *Bonplandia* v. 1, n. 4, p. 313. Argentina, Corrientes, 1964.

As propriedades da casca da *Erythrina corallodendron* Linné foram apresentadas em 1930 pelo Laboratório Silva Araújo, a partir do extrato fluido ou da tintura, como sendo hipnótico e sedativo, recomendado como preferível ao ópio e à beladona, por provocar sono tranquilo, "sem determinar congestão do sangue para os centros cerebrais". Acrescenta que acalma as tosse das bronquites e modera os acessos de asma³¹.

Usos nas práticas médicas populares

"Dizer que alguém merece chá de mulungu é publicidade bastante em diagnóstico psicopático. Na sombra do mulungu não brincam crianças e sim meninos já taludos. A penumbra da árvore enfraquece, debilita, esgota. Por isso tranqüiliza os candidatos sôfregos da insanidade"³².

A espécie de mulungu na Amazônia é a *Erythrina corallodendron* Linné³³. Nessa região o mulungu é confundido com molongo (*Ambelania grandiflora* Hub.), também conhecida por pepino-doce³⁴. O verdadeiro mulungu é empregado (casca) contra excitações nervosas, na inflamação do fígado e baço³⁵.

As plantas do gênero *Erythrina* já eram usadas pelos índios da América do Sul e América Central com propósitos tóxicos e medicinais, como hipnótico, diaforético e emenagogo, além de seu uso como veneno para a pesca³⁶.

Erythrina verna Velloso é usado no estado da Paraíba na forma de decocto da casca no tratamento da asma e afecções intestinais³⁷.

A mesma espécie citada acima é empregada no estado do Paraná como hipnótico e sedativo suave do sistema nervoso³⁸.

Na Bolívia as sementes de *E. corallodendron* Linné são venenosas e a casca e talos machucados empregados para entorpecer peixes³⁹.

No México, a casca de mesma espécie citada acima é usada na bronquite, asma e nevralgias crônicas, além de ser hipnótico e sedativo⁴⁰.

31. *Catálogo de extratos fluidos*. Rio de Janeiro, Silva Araújo, 1930.

32. CASCUDO, Luis da Câmara. *Tradição, ciência e povo*. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1971.

33. DA MATTA, A. A. *Op. cit.*

34. PEREIRA, Nunes. *Moronguetá: um Decameron indígena*. 2.ed., v. 50-50a. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL, 1980. 2v. (Retratos do Brasil).

35. LE COINTE, Paul. *Árvores e plantas úteis, indígenas e aclimatadas. Amazônia Brasileira III*. 2.ed., v. 251. Rio de Janeiro, Cia. Ed. Nacional, 1947. (Brasiliana)

36. VOGEL, J. Virgil. *American indian medicine*. New York, Ballantine Books, 1973.

37. AGRA, Maria de Fátima. *Farmacopéia popular da Paraíba*. João Pessoa, (Paraíba), Funart/DAC/ MEC, 1977.

38. MOREIRA FILHO, Hemes. *Plantas medicinais I*. Curitiba, Imprensa da Universidade do Paraná. 1972.

39. DE LUCCA, A. Manuel; ZALLES A., Jaime. *Flora medicinal boliviana*. Dicionário enciclopédico, La Paz, (Bolívia), Los amigos del libro, mai. 1992.

40. COIMBRA, R.; DINIZ, E. *Op. cit.*

Na Argentina, entre as espécies indígenas estão a *Erythrina crista-galli* Linné, também chamada *seibo* e considerada *flor nacional argentina*. A casca dessa planta é empregada como cicatrizante, possuindo propriedades adstringente, narcótica e calmante⁴¹. Quanto às flores e folhas, estas são também de ação narcótica e calmante⁴².

Usos em rituais de religiões afro-brasileiras

Bastide⁴³ apresenta o mulungu (*Erythrina corallodendron* Linné) empregado no catimbó do Ceará como peitoral, calmante, emoliente e nos candomblés da Bahia é usado nas bronquites e como sedativo das doenças nervosas.

Cascudo⁴⁴ também indica a mesma espécie usada no catimbó do Rio Grande do Norte, como peitoral e calmante das excitações nervosas.

Ainda a mesma espécie, segundo Figueiredo⁴⁵ em pesquisa na zona Bragantina, próxima a Belém, no Pará, empregam-na em rituais religiosos de influência africana e na pajelança. Nas práticas de cura usam o decocto da casca para tratar inflamações de fígado e baço.

Conforme informações do pesquisador e mestrando Ulysses Paulino de Albuquerque da Universidade Federal do Pernambuco, a espécie usada em rituais afro-brasileiros em seu estado é a *Erythrina velutina* Wild., empregada no preparo de banhos de *descarrego*, com o propósito de trazer bem-estar e tranquilidade ao usuário. É acrescentada, ainda, em garrafadas medicinais, às quais se associam angico (*Anadenanthera colubrina*), barbatimão (*Stryphnodendron* sp) e aroeira (*Schinus* sp).

Marco Antônio da Silveira, pai-de-santo do candomblé Ile Axe Ewe Fun Mi, pesquisado, diz que mulungu é planta pertencente a Egungum que, segundo ele, são espíritos, monstros. Informa, ainda, que as folhas batidas com outras plantas são empregadas em rito fúnebre e para *descarrego*, ou seja, ação de afastar forças negativas de pessoas ou ambientes.

No mesmo candomblé pesquisado o decocto feito com lascas do tronco ou da raiz do mulungu é oferecido aos iniciantes durante o tempo de reclusão exigido, a fim de deixá-los tranquilos e relaxados.

Cápsulas de pó de mulungu podem ser adquiridas em lojas especializadas em artigos para rituais afro-brasileiros.

41. RATERA, L. E.; RATERA, M. O. *Plantas de la flora argentina empleadas en medicina popular*. Buenos Aires, (Argentina), Hemisferio Sur, 1980; PARKER, Jean. *Mil plantas medicinales de la Rep. Argentina y la America del Sur*. Argentina, Editorial Caymi, 1987.

42. TOURSARKISSIAN, M. *Plantas medicinales de la Argentina*. Argentina, Hemisferio Sur, 1980.

43. BASTIDE, Roger. *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo, Anhembi, 1959.

44. CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro*. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1951.

45. CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência e povo*. ed. cit.

Devido às dificuldades de se obter a espécie *Erythrina verna* Velloso (*E. mulungu*), o pai-de-santo da casa pesquisada a substitui pela *E. speciosa* Andrews, comum nos jardins da cidade de São Paulo como planta ornamental.

Edison Carneiro⁴⁶ registrou na Bahia um cântico para Katendê:

"Katendê ngana Zambi
O' maiwê"

"Katende é deus banto, que nos candomblés congo corresponde a Ossaim nagô"⁴⁷.

Discussão

Observa-se que a espécie *Erythrina verna* Velloso que deu origem ao nome vulgar mulungu não é, praticamente, mencionada na literatura exaustivamente pesquisada, onde são destacadas a *E. corallodendro* Linné, em raros casos a *E. velutina* Willd. e *E. glauca* Willd. e em um único caso a *E. speciosa* Andrews, usada no candomblé pesquisado.

Sabe-se através dos autores consultados que a gama de alcalóides presentes no gênero estão em graus variados contidos nas espécies.

Daí deduzir que a escolha da espécie a ser utilizada depende tão somente da ocorrência na região em que se encontra o usuário. Exemplo do pai-de-santo em São Paulo que usa a *E. speciosa* Andrews, que por ser também ornamental, é comum nos jardins da cidade de São Paulo, portanto fácil de ser encontrada.

As palavras *ngana* e *maiwê* empregadas no cântico registrado por Edson Carneiro podem ser corruptelas de *nganga* e *muave*, sendo que esta é sinônimo de mulungu, planta venenosa também conhecida por pau-dos-feiticeiros, *üfila-nganga* já referida no início deste trabalho. Esse fato dá algum sentido ao cântico dedicado a Katundê, deus banto equiparado a Ossaim nagô, divindade das folhas. Deve-se, ainda, considerar que Mulungu é também um deus africano na vasta região mencionada na introdução, de onde procederam os negros bantos que foram também, para a Bahia.

A planta mulungu, como foi tratada neste trabalho, é originária do Centro e Sul do Brasil, o que nos faz admitir terem sido os negros bantos que vieram para essas regiões os autores dessa denominação vulgar para a espécie *Erythrina mulungu*, identificada por Martius e que posteriormente Velloso a identificou como sendo *Erythrina verna*.

46. CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: negros bantos*. 3. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

47. CACCIATORE, Olga G. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Forense Universitária/SEEC, 1977.

Os dados levantados em pesquisa bibliográfica e de campo permitem observar a unanimidade quanto à propriedade hipnótica da casca do mulungu e seu emprego como sonífero e calmante das excitações nervosas, consumidas oralmente, através de diferentes preparados.

Os efeitos causados pela ação dos alcalóides da *Erythrina* em banhos não foram mencionados pelos autores consultados, os quais não fazem referências quanto à absorção pela pele. Os índios da Amazônia já usavam-nos contra excitação nervosa.

O uso tópico como cicatrizante foi comprovado, conforme constatou-se nas obras consultadas.

O emprego em garrafada associada ao angico (*Anadenanthera colubrina*), planta de ação no sistema nervoso central, pode ocasionar alteração comportamental ao usuário, devido à sua ação alucinógena.

Como veneno para a pesca, os índios americanos já tinham conhecimento e a ação ictiotóxica certamente deve-se à rotenona presente nas plantas do gênero *Erythrina*.

Conclusão

Os dados levantados permitem concluir que o uso de diferentes espécies do gênero *Erythrina* não interfere nos resultados desejados pelos usuários, visto que ficou constatado que os alcalóides responsáveis pelos efeitos ocorridos, estão em todas as espécies, certamente em doses variáveis

Justifica-se, assim, o fato de serem empregadas as espécies ao alcance do usuário, como no caso da *E. speciosa* Andrews, usada pelo pai-de-santo em São Paulo.

Deve-se considerar que as plantas, tanto em rituais religiosos como nos rituais de cura nos sistemas de crença afro-brasileiros, são de modo geral as mesmas que o povo conhece das práticas médicas populares.

No caso das espécies de *Erythrina* spp empregadas nas curas, tanto as de uso interno como externo foram estudadas conforme mencionado neste trabalho.

A eficácia oral justifica-se pela ação hipnótica e tranqüilizante obtida pelo extrato fluido e tintura comprovados pelos produtos do Laboratório Silva Araujo.

Destaca-se a influência banto quanto ao nome vulgar mulungu, dado pelos negros, nome que corresponde a uma planta tóxica empregada na África em provas judiciais.

Sabe-se que Mulungu é nome dado ao Ser Supremo em vasta região africana de onde procederam os negros bantos que vieram para o Brasil durante o tráfico de escravos, assim como corresponde, na África, à planta venenosa usada em provas judiciais, onde é conhecida por *muave* ou *üfila-nganga*. Tais nomes podem estar relacionados a *ngana Zambi* e *maiwê* registrados na Bahia em cântico para

Katendê, deus banto que corresponde a Ossaim nagô. Sendo Ossaim divindade das folhas pode haver uma relação entre Katendê deus no Brasil e, Mulungu deus na África, ambos coincidentemente relacionados a plantas.

Referências Bibliográficas

- PENNA, Meira. *Dicionário brasileiro de plantas medicinais*. 3. ed., São Paulo, Kosmos, 1946.
- FIGUEIREDO, Napoleão. Pajelança e catimbó na região Bragantina. Nota prévia. *Rev. Inst. Hist. e Geogr. de Alagoas*. Maceió, v.3,1976.